

Cardoso F.H. - discurso

ESTADO DE SÃO PAULO 26 MAR 1997 INTEGRAS

107 DF Governo tem plano para modernizar ensino superior

É a seguinte a íntegra do discurso do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso:

"Senhor ministro da Educação, professor Paulo Renato, Senhores ministros de Estado que aqui se encontram, Senhor presidente do BNDES, Senhores senadores, Senhora senadora, Senhores deputados, Senhores reitores, Senhoras reitoras, Senhoras e senhores,

Tenho muito pouco a acrescentar ao que foi dito pelo ministro da Educação e complementado pelo presidente do BNDES. Creio que o ministro da Educação mostrou a importância desses programas que nós estamos iniciando. As cifras são tão impressionantes que requerem um banqueiro: R\$ 1 bilhão. É muito recurso. Mas isso não é o mais importante. O mais importante é o modo como esse recurso está sendo mobilizado e o modo como vai ser gasto. E a maneira pela qual não só as universidades públicas como as privadas terão o apoio do Bando do Desenvolvimento Econômico para a boa utilização desses recursos. E eu creio que isso dá um sinal de que nós começamos a ter condições no Brasil de um investimento de maior vulto na área da educação. Assim como eu espero que nós possamos fazê-lo para a área da saúde. E, em parte, os recursos da educação irão para a área da saúde, via hospitais universitários. Tenho feito alguns comentários de uns tempos para cá, que vou reiterar. Nós estamos passando de uma fase de escassez absoluta de recursos para o começo da existência de recursos. Isso se deve ao plano de estabilização. E se deve ao fato e o governo disse não muitas

vezes e vai continuar dizendo, porque se a moeda não for estável, tudo vai se esfumar num processo inflacionário e nós não vamos permitir isso. No começo é difícil, as pessoas reclamam, não vêem no horizonte, mas os que têm mais experiência de vida e mais descortino sobre as coisas públicas, sabem que era necessário haver, como está havendo no Brasil, uma mudança muito profunda na nossa mentalidade, no trato do recurso, sobretudo no recurso público para que nós pudéssemos, como começamos a poder agora, a destinar mais recursos e, sobretudo, destinar melhor os recursos disponíveis para aquilo que conta. E entre o que conta, fundamentalmente, a educação e a saúde estão aqui em primeiro e principal lugar. É muito fácil falar e muito difícil realizar, mas nós estamos realizando. O ministro Paulo Renato fez um esforço imenso no que diz respeito à educação primária. E nós nos concentramos nisso. Agora, já há condições para nós divisarmos os outros níveis da educação. Educação técnica e secundária que vai ser, também, alterada e a educação superior, e a convergência de esforços do público com o setor privado, todos eles dentro de um critério que é de avaliação e de qualidade. Disso nós não podemos abrir mão porque, se nós abríamos mão disso, nós abríamos mão do nosso futuro. O futuro vai depender, crescentemente, da capacidade brasileira de gerar pesquisa, ciência e tecnologia, e melhorar a qualidade, de generalizar o acesso à educação e dar uma educação de bom nível. Repito, tudo isso foi possível porque nós tivemos um programa e temos um programa de estabilização econômica, é o que está dando, começando a dar os seus frutos. O ministro Paulo Renato mencionou que chegará o momento das carreiras, chegará o momento da recuperação da capacidade de compra do salário, mas não dá para fazer tudo de uma vez só e governo que se preza diz sim e diz não, e organiza no tempo a sua agenda. E

se preocupa pouco com a gritaria dos que não estão entendendo o rumo das coisas. Hoje, o país tem rumo, as pessoas sabem que as coisas estão começando a acontecer e vão acontecer mais. Foi muito difícil começar a reorganizar o Brasil. Não é só na educação não. Pensem em agricultura, o que foi feito com a agricultura. Um trabalho imenso para a tentativa de recuperação apenas agora os frutos começam a ocorrer, assim como começam a ocorrer os frutos nos vários sentidos do investimento. Agora que começa a haver recursos, a questão fundamental é a gestão dos recursos. Nós estamos mudando da escassez absoluta para a falta de qualidade na gestão, na capacidade de gestão pública e até privada. E falta de entrosamento dos vários setores do governo para que essa gestão produza maiores efeitos. O BNDES e o Ministério do Planejamento têm modificado sensivelmente os critérios de utilização dos recursos. O Dr. Luiz Carlos Mendonça de Barros, que falou ai em TILP mais um. Eu pedi que ele traduzisse isso, é simplesmente uma taxa de juros que dá 11% mais 1. Taxa de juros de longo prazo que eles chamam de TILP para a gente não saber o que é. Mas o presidente do BNDES dirige um banco que dispõe de quase tantos recursos quanto o Banco Mundial. Eu, recentemente, jantei com o presidente do Banco Mundial, aqui, no Alvorada, e, conversando sobre os recursos, o Banco Mundial deve dispor, para distribuir no curso de um ano, de 12, 13 bilhões de reais, de dólares. Isso é quase a mesma coisa de que o BNDES dispõe, quase a mesma coisa. Então se trata de utilizar bem esses recursos. E o BNDES está utilizando esses recursos na renovação do Brasil, na renovação do setor industrial, na abertura de novas linhas de crédito e exportação, no financiamento da pequena e média empresa, coisa que nunca havia sido feito, na formação de fundos para o que aqui se chama de "Bancos do Povo". O BNDES que sempre foi o banco dos ricos,

passa a ser um banco que se preocupa com o social. Passa a ser um banco que se preocupa com os recursos para os bancos de pequeno empréstimo para empresa média e pequena e agora para a universidade. E passa a prestar serviços à universidade, como o presidente do BNDES aqui explicou. Problemas difíceis, que são os problemas da desmobilização de patrimônio, o BNDES tem uma imensa experiência nisso. E como é que se transforma esse patrimônio que é, às vezes, até um entrave para a universidade, em alguma coisa que é útil para o investimento produtivo e o investimento produtivo na universidade é o investimento em pessoas. É o investimento no aperfeiçoamento do professorado, etc. etc. Eu não quero entrar em assuntos mais delicados, mas eu não assisti, infelizmente, o programa de ontem do presidente do BNDES, mas já soube dos (...) do programas, mas evidentemente há muita gente que não entende os processos modernos, e não entende que a privatização de uma empresa que não rende para o governo, se bem feita, e se for de tal maneira que proteja o patrimônio, até mesmo o patrimônio — no caso da Vale do Rio Doce — o patrimônio mineral está protegido. Daqui para a frente tudo o que for descoberto, metade como é hoje. Hoje nós só temos metade do governo, continuará sendo do governo. Quem disse que estamos jogando fora o subsolo do Brasil é porque não leu, porque não sabe, porque não quer saber, não quer se informar e quer criticar também. Tem todo o direito. Só não tem a razão. Tem o direito de esperar, mas não tem razão porque está usando uma argumentação que é falsa porque o bem comum exige que se aplique o melhor o dinheiro que é do povo e não que se aplique esse dinheiro, pura e simplesmente, para glória do de quem? Do povo? O que é que o povo ganha? Não é isso? Mas na medida em que se preserva o patrimônio, na medida em que se mantêm as reservas ecológicas que hoje estão com a Vale do Rio Doce, estão mantidas. Na

medida em que isso ocorre, está se utilizando melhor o dinheiro público para... Estar-se-á se o dinheiro daí resultando for utilizado adequadamente. E adequadamente é, realmente, na educação, na saúde, na tecnologia e no desenvolvimento científico, é na invenção de novas técnicas e, eventualmente, até no lançamento de empresas estratégicas que precisem de um apoio do governo. Esta é a orientação deste governo, transparente, não tem nada a esconder, mas que em como preocupação central a pessoa, o ser humano, o cidadão, a área social. Eu ontem brinquei aqui, os jornais hoje já fizeram um grande carnaval, porque eu falei "neobobismo". Foi até, (...)??? se existe isso. Claro que não existe. Mas assim se distraem, assim se distraem porque, realmente, as pessoas perdem tempo com análises vazias e começam a botar etiquetas como se nós não tivéssemos fazendo o oposto do que eles estão dizendo. Nós estamos cuidando não é do mercado não, também cuidamos do mercado sim, também cuidamos da moeda sim, sem a qual nada haveria. Mas a preocupação central do governo é com o social, é com a educação, é com a saúde, é com o desenvolvimento científico e tecnológico, é com o meio ambiente, é com a cultura. Essa é a preocupação central. Quem não vê isso é porque usa lentes envidradas. Aliás não são nem lentes, às vezes, estão olhando para trás. Estão olhando para o passado e estão querendo julgar um momento de transformação que vê o futuro com o olhar do passado. Ai, perdão, mas é "neobobismo" mesmo, porque o pior cego é o que não quer ver. Então, aqui, acho, não ia falar nesses temas porque não cabe numa reunião de reitores, de reitoras. Para os (...) o presidente do BNDES se situou no (...) dessas duas transformações. É bom que se entenda o sentido, realmente, das transformações. É bom que se mantenha muito viva a convicção de que, realmente, nós estamos fazendo

o que podemos para mudar aquilo que é fundamental na área social, e educação é fundamental. Apesar de eu ter dito e reitero que esse ano que quero chamar a atenção para a saúde, o ministro da Saúde sabe que pré-condição para uma boa saúde é a educação, e que não vai haver avanço significativo na área da saúde se não houver educação, e se não houver, sobretudo, a fusão dos esforços entre o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde que é o que nós estamos propondo, e agora com muito agrado vendo que as pessoas que mexem com a área econômica estão percebendo que elas têm um aporte fundamental também a dar na renovação da área da educação e, amanhã, na área da saúde. É isso mesmo, o BNDES não vai ser privatizado coisíssima nenhuma. O que vai ser, cada vez mais, um banco social, porque tem um S lá, e esse S quer dizer social, BNDES — isso foi agregado depois — quer dizer Banco de Desenvolvimento Econômico e Social, é claro que nessa compreensão que é nossa, de que não se pode pensar o social separado do econômico nem vive e versa, porque quem pensa (...) essas duas coisas, não é capaz de resolver, a equação ela não fecha, é preciso ter crescimento econômico, é preciso ter investimento, é preciso ter (...) para que haja, não com sub produto automático, não via apenas a ação do mercado, mas via políticas públicas para que haja, realmente, uma transformação qualitativa da sociedade. Termine, pois, facilitando o Ministério do Planejamento, o BNDES, o Ministério da Educação, vejo que o Ministério da Saúde vai levar uma lasquinha e o Ministério de Ciência e Tecnologia também. Eu tenho certeza que o ministro Clóvis está aqui para desentravar tudo isso para que nós possamos fazer tudo o que o ministro da Educação prometeu. Muito obrigado."